

Se todos/as somos filósofos/as por que estudar filosofia? E se não somos, para que estudá-la então?

If we are all philosophers why study philosophy? And if we are not, why study it then?

Si todos/as somos filósofos/as ¿por qué estudiar filosofía? Y si no lo somos ¿por qué estudiarla entonces?

MARCOS JOSÉ DE AQUINO PEREIRA¹

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, UFSCAR, SÃO CARLOS-SP, BRASIL

RESUMO

Este ensaio traz algumas reflexões sobre o estudo e o fazer filosófico a partir do Sul Epistemológico, em seus desafios e compromissos com aqueles/as que se encontram na exterioridade do sistema-mundo, sistema esse produzido e mantido pela Colonialidade-Modernidade. O texto foi escrito com o intuito de convidar pesquisadores/as e pessoas interessadas em geral a olharem o filosofar sob uma perspectiva que considere a diversidade de filosofias presentes em variados povos, em que destacamos os povos originários, bem como filósofos e filósofas do Sul Epistemológico, historicamente desconsiderados e/ou subalternizados pela ciência eurocêntrica, como meio de resistência e interpelação diante das suas realidades, servindo à fundamentação e ao desenvolvimento de pesquisas que reconheçam os conhecimentos dos grupos sociais e das pessoas com as quais pesquisamos, se coloquem ao lado de suas lutas, sendo defensoras intransigentes da vida e anunciadoras do esperar filosófico decolonial.

Palavras-chave: Fazer Filosófico. Povos Originários. Epistemologias do Sul. Decolonialidade.

ABSTRACT

This essay brings some reflections on the study and philosophical practice from the Epistemological South, in its challenges and commitments with those who are in the exteriority of the world-system, a system produced and maintained by Coloniality-Modernity. The text was written with the aim of inviting researchers and interested people in general to look at philosophizing from a perspective that considers the diversity of philosophies present in various peoples, in which we highlight the autochthonous peoples, as well as philosophers and philosophers from the Epistemological South, historically disregarded and/or subordinated by eurocentric science, as a means of resistance and interpellation in the face of their realities, serving as the foundation and development of research that recognizes the knowledge of the social groups and people with whom we research, place themselves alongside their struggles, being intransigent defenders of life and harbingers of decolonial philosophical hope.

Keywords: Making Philosophical. Autochthonous Peoples. Epistemologies of the South. Decoloniality.

RESUMEN

Este ensayo trae algunas reflexiones sobre el estudio y la práctica filosófica desde el Sur Epistemológico, en sus desafíos y compromisos con quienes se encuentran en la exterioridad del sistema-mundo, sistema producido y mantenido por la Colonialidad-Modernidad. El texto fue escrito con el fin de invitar a los/as investigadores/as, y personas interesadas en general, a mirar el filosofar desde una perspectiva que considere la diversidad de filosofías presentes en diversos pueblos, en la que destacamos a los pueblos originarios, bien como filósofos y filósofas del Sur Epistemológico, históricamente desconsiderados, invisibilizados y/o subalternados por la ciencia eurocéntrica, como medio de resistencia e interpelación frente sus realidades, sirviendo de fundamento y desarrollo de investigaciones que reconozcan los conocimientos de los grupos sociales y personas con quienes investigamos, se coloquen en el lado de sus luchas, siendo intransigentes defensoras de la vida y anunciadoras del esperar filosófico decolonial.

Palabras clave: Hacer Filosófico. Pueblos Originarios. Epistemologías del Sur. Decolonialidad.

¹ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar. E-mail: marcosdiaquino@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2753-1656>.

O FILOSOFAR SOB ATAQUE. ISSO É ALGUMA NOVIDADE?

Nos últimos dez anos temos nos deparado de forma mais frequente com uma série de discursos negacionistas, que se colocam contra a vacinação, contra a ciência e não raro contra a filosofia, afirmando de maneira categórica e indubitável a inutilidade, dificuldade de entendimento e até periculosidade do seu inimigo da vez, em um *modus operandi* que começa por um questionamento fundamentado em teorias da conspiração, passa pelo levantamento de uma coleção de argumentos duvidosos e/ou intencionalmente falsos, mas que mesclados com informações corretas, induzem a conclusões desconexas, enviesadas, erradas ou que, no mínimo, podem instaurar a dúvida, indo contra um princípio fundamental da relação humana com o mundo, presente em diversas perspectivas dos povos originários, aprendido da própria natureza, que nos “[...] ensina a olharmos as coisas como elas são e não como gostaríamos que fossem” (MUNDURUKU, 2019, p. 36).

Se for verdade que visões distorcidas sobre a filosofia a acompanham desde os seus primórdios, também é verdade que até para fazer esse tipo de construção intelectual viciada e falaciosa, alguns elementos presentes no fazer filosófico foram utilizados, ainda que de forma torpe: o questionamento, a argumentação e a busca por conclusões, fazendo-nos lembrar do que afirmava o filósofo italiano Antônio Gramsci (1987) de que todos/as somos filósofos/as, considerando impossível ao ser humano não utilizar a filosofia cotidianamente.

Diante dessa abordagem gramsciniana poderíamos propor a seguinte questão: se todos/as já somos filósofos/as por que estudar filosofia? Que se relaciona com outra visão bastante difundida (e equivocada) do que seja filosofia: um emitir de opiniões sem fim que, por serem opiniões filosóficas devem ser poupadas de questionamentos sobre a sua coerência e devem ser aceitas como válidas, porque afinal cada um tem a sua opinião e na filosofia não se pode dizer que algo esteja certo ou errado.

Com isso já apresentamos o que podemos chamar de principais preconceitos contra a filosofia e o filosofar: ser ela inútil, difícil, perigosa, desconexa da realidade, mero enunciar de opiniões. A essas, podemos incluir outras alegações que foram sendo acrescentadas através dos séculos (sim, séculos!).

Tales de Mileto, que viveu entre os séculos VI e V a.C. e é considerado um dos primeiros filósofos gregos, já enfrentava alguns dessas imputações, como ficou registrado por Platão (2010) em sua obra Teeteto (Item 174a), em que narra uma história na qual Tales de Mileto, observando o Céu, tropeça e cai em um buraco, sendo ridicularizado como lunático e distraído pela população local. Também Aristóteles (1985), em A Política (Livro I, cap. IV, item 1259a), cita que Tales era constantemente repreendido por seus concidadãos por ser demasiado distraído e por suas reflexões serem inúteis. Em ambos os casos Tales estava se ocupando do bem das pessoas através do fazer filosófico: no primeiro buscava entender e calcular pela primeira vez a data e horário precisos de um eclipse solar, que antes disso era motivo de medo e temor e que ele desmistificou com a previsão de seu início e do seu fim exatos; no segundo caso suas reflexões “inúteis” sobre o clima impediram uma grande fome na região com as providências que tomou para o armazenamento e prensagem de uma abundante safra de azeitona, sem buscar lucro ou vantagem pessoal com isso.

Assim, desde antes de Tales de Mileto (lamento decepcionar quem acredita que a filosofia surgiu na Grécia Antiga) até os nossos dias, a filosofia vem sendo acusada por seus/suas detratores/as como coisa de gente louca, ou de intelectuais encastelados, puramente teórica, invenção de esquerdistas, enrolação retórica, puro blá-blá-blá, e mais recentemente, como mero mi-mi-mi.

Se quisermos refletir mais seriamente sobre a filosofia, como é objetivo deste ensaio, torna-se necessário que superemos abordagens superficiais e nos lancemos ao próprio cerne do filosofar: o pensar crítico sobre o próprio pensar, e dele sobre nós mesmos, os/as outros/as

e a realidade, fazendo sobre isso algumas problematizações que se apresentam a quem quer pesquisar a partir da hoje chamada América Latina.

POR QUÊ? PARA QUÊ? FILOSOFIAS QUE RESISTEM E QUE SE TORNAM RESISTÊNCIA

Caro leitor, cara leitora, pesquisador, pesquisadora: não podemos esquecer de que lado da linha abissal (SANTOS, 2010) estamos, de onde falamos, ao lado de quem nos colocamos. Assim podemos começar nossa reflexão indagando: por que e para que estudarmos filosofia? E podemos acrescentar: para quem?

Quando Gramsci (1987) afirma que todos somos filósofos/as não está dizendo que tudo o que fazemos é filosofia, ele está constatando que a filosofia é uma atividade inerente a seres pensantes, que a realizam quando utilizam suas capacidades de construir sistemas de pensamento complexos, “[...] analisar conceitos, examinar argumentos, imaginar cenários hipotéticos para testar nossas afirmações, avaliar consequências, questionar pressuposições e ponderar intuições e inclinações” (ROLLA, 2021, n.p.) e essa perspectiva nos ajuda na primeira problematização: superar a visão da Modernidade-Colonialidade (DUSSEL, 1993; MIGNOLO, 2005; QUIJANO, 2009) de que a filosofia seja uma invenção europeia e que tenha surgido na Grécia Antiga.

O pensamento filosófico está tão presente nos debates na Ágora grega sobre a virtude quanto nos Warã (pátios centrais) das aldeias dos povos indígenas da Abya Ayla² a respeito do Bem-Viver³, como nos terreiros dos povos africanos Bantu acerca do Ubuntu⁴, ou nas margens do Rio Ganges, na Índia, sobre as Pramanas⁵, ou ainda nas praças de cidadezinhas chinesas, com os ensinamentos de K’ung Ch’iu (chamado pelos ocidentais de Confúcio) sobre o T’ien ming⁶.

O filosofar se manifesta em diversos povos, em diferentes épocas, sendo produto do pensar humano e não apenas do pensar europeu moderno ou grego antigo (DUSSEL, 2000). Podemos inclusive falar de filosofias (GRAMSCI, 1987) ao invés de uma filosofia pretensamente universal que se apresenta como eurocêntrica e machista ao se fundamentar em Sócrates (XENOFONTE, 1972), Santo Agostinho (2004), Descartes (1973), Kant (1980), Nietzsche (2008), Marx (2005) e Jean-Paul Sartre (1990), mas invisibilizar Lopamudra (RAO, 2014), Temistocleia (WEHRLI, 1967), Safo de Lesbos (SILVA, 2016), Hipátia (DZIELSKA, 2004), Hildegarda de Bingen (2015), Cristina de Pisan (COSTA; COSTA, 2021), Olympe de Gouges (2021), Edith Stein (2007), Simone de Beauvoir (1980) e Hannah Arendt (2007), e também Mary Wollstonecraft (2015), Philipa Foot (1978), Gayatri Spivak (2014), Chandra Talpade Mohanty (2020), Maria Lugones (2014), entre tantas outras filósofas que muito contribuíram e contribuem para o fazer filosófico.

Para defendermos esse nosso argumento é interessante retomarmos o próprio significado da palavra grega filosofia, amor ou busca pela sabedoria, que se relaciona aos

² Um dos nomes dados ao continente agora chamado América, por seus povos antes da invasão europeia, que em Kuna significa terra madura, terra que pulsa, terra viva ou terra em florescimento (PACHAMAMA, 2019).

³ Refere-se ao conceito filosófico *Sumak Kawsay* dos povos originários andinos, que visa a harmonia entre todos os seres vivos como unidade com a Natureza, *Pacha Mama* (MAMANI, 2010).

⁴ Conceito que está na base ontológica e epistemológica das filosofias africanas (RAMOSE, 1999) e vincula o ser ao sermos juntos.

⁵ Regras desenvolvidas na filosofia indiana para validação de conhecimentos (MATTOS; GAMA, 2021).

⁶ Princípios éticos de conduta, desenvolvidos pelo confucionismo, para uma vida justa e equilibrada (CONFUCIO, 2006).

conceitos *Huēhuehlahtōlli*⁷, dos povos Nahuatles e *Falsafa*⁸ dos árabes, e que está na base da curiosidade e no anseio por saber e conhecer de seres pensantes, anseio este que ultrapassa qualquer tipo de barreira geográfica ou cultural.

Gersem José dos Santos Luciano Baniwa, filósofo e pesquisador indígena do povo Baniwa, reflete que todos os conhecimentos são incompletos e por isso complementares entre si, e fala do desafio de pensarmos sob uma perspectiva intercultural mais radical “[...] de uma intepistemologia ou intercientificidade, muito além da interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade que ainda é espelho da colonialidade” (BANIWA, 2019, p. 71-72) em uma busca constante pelo diálogo entre conhecimentos que nos permitam o constante questionamento diante das inquietações do ser no mundo.

Essa inquietação que engendra o filosofar se manifesta independente de barreiras culturais ou sociais, quando uma criança, more ela numa cobertura de Wall Street, em Manhattan, nos Estados Unidos da América ou no Assentamento de Refugiados de Kakuma, no Quênia, ao ver pela primeira vez o mar, se espanta e pergunta à mãe: “onde ele acaba?” sondando assim sem saber os conceitos de finito e infinito (que já levaram Giordano Bruno à fogueira) ou quando pergunta “por que a rosa chama rosa?” reeditando sem ter consciência disso a questão dos universais que tanto atormentava os filósofos e as filósofas medievais e inspirou o livro (depois transformado em filme por Jean-Jacques Annaud, em 1986) “O nome da rosa” de Umberto Eco (2003).

Essa é uma questão lógica que se refere à existência ou não dos universais, que podemos identificar com as categorias e a sua relação ou dependência dos particulares, seres individuais. Ou seja, qual a relação entre palavras e os seres a que se referem? Como por exemplo: A categoria “Rosa” existe independente dos roseirais, sendo um conceito de existência real como defendem os realistas ou é apenas uma convenção criada pelos seres humanos, para denominar as incontáveis rosas multicoloridas de um jardim, como afirmam os nominalistas? Que tal agora assistir ou rever o filme “O nome da rosa” e buscar analisar mais profundamente as discussões e debates filosóficos medievais que ali são apresentados que vão muito além do nome da garota ignorado pelo monge?

Questão filosófica essa sobre o ser das palavras também abordada pela historiadora e pesquisadora indígena Aline Rochedo Pachamama, do povo Puri (PACHAMAMA, 2019, p. 149):

Para nós, Povos Originários, a palavra não tem duplo sentido. A palavra tem a alma de quem fala e escreve. E eu ousou escrever por isso. Para que minha alma esteja pulsante. E para propor reflexão sobre tais atos e construção de memórias e verdades. Não é o tempo de sustentarmos hipocrisias. A palavra de algumas pessoas está rodeada de atrativos, porém, vazia. Palavra que tem alma é como uma flecha. Causa algo que realmente se sente. E esse sentir gera movimento.

Talvez tenha passado despercebido por alguns/as leitores/as que mencionei filósofas medievais. Muita gente não sabe e na maioria dos livros de história da filosofia se omite, mas sim, existiram filósofas medievais, muitas das quais acabaram na fogueira. Só para citar algumas menos conhecidas do que as já citadas Hildegarda de Bingen e Cristina de Pisan, pertencentes ao movimento das beguinhas: Hadewijch de Antuérpia, Matilde de Magdeburgo, Beatriz de Nazaré e Marguerite Porete (OLIVEIRA, 2021).

⁷ Busca ou Caminho da Antiga Palavra que tem como base as reflexões e ensinamentos milenares dos mais velhos, transmitidos aos mais novos, que se relacionam à visão tolteca e asteca de que a realidade humana ideal é ser constituída por um rosto e um coração que expressem a sabedoria (OLIVEIRA; ROSSI, 2018).

⁸ A busca pela sabedoria (*hikma*) como explicação de uma totalidade que inclui o racional e o espiritual (CARVALHO, 2020).

Como falamos de rosas e de filósofas, recordei-me da filósofa mexicana Katya Mandoki, que em suas reflexões, de certa forma, atualiza essa questão, buscando um novo caminho no estudo filosófico, o da Bioestética, que englobe os demais seres vivos como sujeitos de uma apreciação estética, lançando para nós e para tudo que é vivo, as seguintes perguntas:

¿Por qué nos atraen las flores? ¿Por qué nos conmueve el canto? ¿Qué hay en el ritmo que nos cautiva con tal fuerza? ¿Qué hay en la voz que nos inquieta, nos hiela o nos consuela? ¿Puede apreciar el ave la belleza de la flor y del canto que entona? (MANDOKI, 2013, p. 13).

De inquietações como a da Questão dos Universais, das Pramanas, do Bem-Viver ou dessas levantadas pela Bioestética, os seres humanos lançam-se à investigação, fazem surgir questionamentos, teorias, epistemologias, estéticas, códigos éticos, as ciências vão se constituindo e se desenvolvendo e o filosofar, que nisso se faz presente, a tudo questiona, fundamenta e reflete. Cada nova produção do fazer filosófico, torna-se um novo objeto de estudo. Criamos novas áreas da filosofia e novas formas de se filosofar, a ponto de se dizer: a cada novo/a filósofo/a, uma nova filosofia... ou novas filosofias.

Neste contexto podemos levantar variados questionamentos sobre a natureza da filosofia, a sua diferenciação ou semelhança com as ciências (ela própria será uma ciência?). Não cabe neste texto o tratamento desse tipo de questão. Interessam-nos o porquê e o para que estudar filosofia, o que aos poucos vamos desvelando.

Se para nos motivar a estudar filosofia não for suficiente o porquê ela ser uma produção humana que se mostra presente como forma de pensamento elaborado, crítico e complexo nas mais diversas culturas e utilizada por elas nas diferentes épocas da história, então que consideremos que ela está presente ou relacionada aos fundamentos do conhecer humano, seja em seus axiomas ou paradigmas (sim, leitor/a, precisamos usar conceitos filosóficos quando queremos clareza e exatidão naquilo que afirmamos ou investigamos e nisto encontramos a oportunidade de abordar um ponto importante: a filosofia em nossas pesquisas e neste ponto iniciamos a reflexão sobre o para quê estudá-la).

Agora vou me dirigir diretamente aos/às pesquisadores/as vindos das mais diversas áreas do saber humano, que leram e estudaram variados textos e materiais específicos de suas especialidades e ao ingressarem na pós-graduação se deparam com textos filosóficos que tratam de temáticas que parecem, à primeira vista, puramente especulativas e desconexas da realidade, com termos, expressões e conceitos aparentemente indecifráveis para quem não fez graduação em filosofia⁹. É isso mesmo. É o momento do espanto, igual ao das crianças ante o mar, ou dos medievais diante do nome da rosa. Parece algo incompreensível em um primeiro contato, e o será, se não adentrarmos ao mar e se não cheirmos a rosa. Explico-me.

Em um aparente contraponto à frase de Gramsci, o filósofo alemão Martin Heidegger (2005) afirma que filosofia é para poucos, apenas para quem está disposto ao “[...] abandonar-se para dentro do nada, quer dizer, o libertar-se dos ídolos que cada qual possui e para onde costuma refugiar-se sub-repticiamente” (HEIDEGGER, 2005, p. 63), e neste ponto precisamos lembrar as mazelas do acesso ao estudo em nosso país, em que apenas uma pequeníssima parcela da população chega a uma pós-graduação em que, teoricamente, tenha maior oportunidade de tomar contato com as leituras filosóficas de forma mais sistematizada, excetuando-se, é claro, um grupo menor ainda de estudantes de graduação e licenciatura em

⁹ Uma dica é buscar a leitura de comentadores/as e artigos sobre o texto em questão e ter à mão um bom dicionário de termos filosóficos. Conhecer um pouco da biografia e do pensamento do/a filósofo/a que redigiu o texto é muito útil. O debate dos textos com colegas pesquisadores/as e professores/as da linha de pesquisa a qual pertença também ajuda bastante na sua compreensão.

filosofia e de autodidatas, em que se considere a dificuldade para todos/as esses/as em conseguir acesso às obras filosóficas que tal estudo demanda.

Sobre isso, também podemos aproveitar para superar outro preconceito em relação à filosofia: de que ela se limita aos conhecimentos acadêmicos, já que o filosofar se faz presente igualmente nos conhecimentos populares (sim, usei a palavra conhecimentos), conhecimentos indígenas, conhecimentos africanos, conhecimentos das benzedeadas, conhecimentos ditos do senso-comum etc. Tantos/as filósofos sem escrita, denominados Sages no contexto moçambicano (CASTIANO, 2015), como nos alertou o filósofo queniano Odera Orika (1990), que sendo expoentes de uma filosofia que nos fala sobre o presente, contribuem para a melhoria da vida das pessoas, ao aplicar os resultados dos seus pensamentos ao bem-estar de suas comunidades.

Davi Kopenawa, *xapuri*¹⁰ do povo Yanomami, nos fala de sua busca por palavras para ensinar a sabedoria de seu povo, trazendo para o presente os conhecimentos que resistem ao tempo e vão sendo pensados, construídos, revelados, em um constante intercâmbio entre ancestralidade, inspiração e a reflexão sobre o viver:

É assim a cada vez que sou obrigado a dormir numa cidade grande para falar aos brancos. Estou sempre em busca de outras palavras; palavras que eles ainda não conhecem. Quero que se surpreendam e que prestem atenção. Penso em nossos ancestrais e no modo como viviam, penso nas palavras de Omama e nas dos espíritos. Busco palavras muito antigas. Nem sempre são as que ouvi da boca de meus pais e avós. São palavras que vêm do primeiro tempo, mas que, apesar disso, vou buscar no fundo de mim (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 435).

Se interpretarmos mais detidamente o que Heidegger (2005) está dizendo podemos inclusive vislumbrar uma possível complementaridade entre aquela sua frase e a de Gramsci (1987), se considerarmos que todos/as são vocacionados/as ao filosofar seja ele acadêmico ou não, mas nem todos/as atendem a esse chamado, optando por uma vida pouco reflexiva, terreno fértil para as *fakenews*, o negacionismo e a cultura da morte.

Assim, o estudo da filosofia ou das filosofias (no plural como nos parece mais adequado para indicar a sua diversidade), com todo o esforço e complexidade que isso possa exigir, é em si um ato de resistência daqueles/as que optaram por aprofundar suas vivências neste mundo, buscando significados, sentidos e motivos cada vez mais bem fundamentados para se manter firmes na defesa da vida e de tudo que a ela se relaciona, com todas as implicações dessa escolha, que infelizmente (e nisso temos que concordar com Heidegger) tem sido de poucos/as. Como bradou Paulo Freire (2000, p. 32) em sua última carta:

[...] se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.

Filosofar a partir do Sul, a partir da Exterioridade, a partir de Outrem, é em si uma escolha política, assim como pesquisar entendendo esse filosofar como libertador. É visibilizar os conhecimentos, as epistemologias e as filosofias de grupos marginalizados e excluídos sistematicamente e historicamente pela Totalidade de um sistema-mundo que subalterniza

¹⁰ Sábio guerreiro espiritual, que na epistemologia dos Yanomami, através de sua atuação xamânica mediando as instâncias do mundo material e do mundo dos espíritos ancestrais *Xapiri*, segura o Céu para que este não caia sobre nós.

tudo aquilo que não se sujeitar aos ditames do conhecimento chancelado pela Modernidade, e sua pretensa filosofia universal a rigor, eurocêntrica (DUSSEL, 1995; MIGNOLO, 2005; SANTOS, 2010). É preciso entrar no mar e se molhar, cheirar a rosa e ficar impregnado com o seu perfume, sujar os pés de lama, sofrer com quem sofre, se colocar ao lado de quem tem voz, mas ninguém quer escutar. Esse é o filosofar que precisamos.

Então, pesquisar com, pesquisar junto, com pessoas de grupos sociais marginalizados e excluídos, requer um profundo, atento e cuidadoso estudo filosófico, pois se o rigor é uma exigência no meio acadêmico, tanto mais se já são tão descredibilizados por nossa sociedade o seu objeto de estudo, no caso as relações, processos educativos e conhecimentos produzidos por esses/as sujeitos/as, em sua constante busca por ser mais (FREIRE, 2002), em que “[...] produzir-se é conquistar-se, conquistar sua forma humana” como nos lembra Ernani Fiori (2006, p. 13), carinhosamente chamado filósofo de Paulo Freire, ou como nos diz o filósofo indígena Ailton Krenak (2018, n.p.), o educar é uma etapa de se estar a “[...] fabricar o sujeito, a construir a pessoa. No caso das sociedades tradicionais de oralidade, a pessoa começa a ser constituída lá atrás, no sonho, antes de estar na barriga da mãe.”

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA UM ESPERANÇAR FILOSÓFICO DECOLONIAL: VAMOS JUNTOS/AS TEHEYÁ!

Esse pesquisar decolonial¹¹ (WALSH, 2017) se relaciona diretamente a um filosofar também decolonial, que não desconsidere nenhuma filosofia, mas busque conhecê-las, pensar sobre elas, colocá-las em diálogo, relacionar ideias e conceitos que possam nos ajudar a construir outras perspectivas, visões, alternativas à Colonialidade-Modernidade.

Para isso precisamos decolonizar nossas pesquisas, e isso envolve decolonizarmos as nossas metodologias, e mesmo a nossa própria concepção do que seja uma pesquisa científica, e nisso o filosofar decolonial conforme enunciamos se faz primordial.

Dona Liça Pataxoop, educadora do povo Pataxó (ou Pataxoop), da aldeia Muã Mimatxi, em Itapecerica, Minas Gerais, com o intuito de fortalecer os conhecimentos e promover a sua aprendizagem pelos/as indígenas mais jovens, como uma forma de resistência, desenvolveu uma metodologia educativa inspirada na prática de pesca ancestral de seu povo, chamada *Tehêy* (BRAZ, 2019), que pode muito bem inspirar as nossas metodologias de pesquisa e o nosso filosofar decolonial, nos propondo uma pesca de conhecimentos.

Segundo ela, *tehêy* é “[...] um instrumento de pescaria, uma armadilha Pataxoop, tecida com corda de tucum e cipó, e usada para ‘teheyá’ a pesca no rio” (PATAXOOP, 2022, n.p.), ficando nele presos peixes de vários tipos e tamanhos, que são escolhidos, através do diálogo comunitário, em que ensinamentos sobre qual peixe é mais adequado e qual deve ser devolvido à água, são ensinados enquanto se faz a seleção, para depois o fruto da pesca ser compartilhado igualmente entre todos/as da aldeia, sendo assim uma técnica de pescaria que

¹¹ Sobre a nossa escolha pelo uso da palavra decolonial ao invés de descolonial estamos nos referindo ao conceito de decolonialidade de Catherine Walsh (2017, p. 25, tradução nossa). que “[...] pretende marcar uma distinção com o significado em castelhano do ‘des’ no que pode ser entendido como um simples desarmar, desfazer ou reverter o colonial. Quer dizer, passar de um momento colonial a um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e marcas deixassem de existir. Com este jogo linguístico, busco pôr em evidência que não existe um estado nulo da colonialidade, senão posturas, posicionamentos, horizontes e projetos de resistir, transgredir, intervir, in-surgir, criar e influenciar. O decolonial denota, então, um caminho contínuo de luta no qual se pode identificar, visibilizar e encorajar ‘lugares’ de exterioridade e construções alter-(n)ativas”.

necessita do envolvimento de várias pessoas e que valoriza a participação coletiva. Inspirada nisso dona Liça criou a metodologia do *tehêy*:

O *tehêy* que uso na escola é um instrumento de pescaria de conhecimento. Ele pesca a cultura de nosso povo, coloco ali as coisas da nossa religião, o nosso modo de viver, nossas histórias de vida, o trabalho, as plantas, os animais, nossa ancestralidade. O *tehêy* tem muitos saberes, é uma “escrita” que alimenta a criança; isso é diferente da outra escrita. Ele veio dos meus sonhos, depois que cheguei a Muã Mimatxi (PATAXOOP, 2022, n.p.).

Se também nós nos inspirarmos na metodologia do *tehêy* de Dona Liça Pataxó poderemos lançar as nossas redes sobre a imensidão do arcabouço de conhecimentos humanos, em conjunto com as pessoas com quem pesquisamos, e teheyármos juntos/as, variadas filosofias, epistemologias, metodologias e diversos/as filósofos e filósofas, de povos e épocas diferentes, incluindo aquilo que após tantos epistemicídios e genocídios, foi historicamente invisibilizado, desconsiderado e subalternizado, poderemos considerar tudo isso sob uma perspectiva da Ecologia dos Saberes (SANTOS, 2010), selecionando e relacionando aquilo que nos ajude a construir algo novo, como resistência daqueles/as que acreditam e lutam por uma sociedade mais justa para todos/as.

Dessa forma adquire um contorno todo especial que nos empenhemos em compreender as linguagens, aparentemente ininteligíveis de alguns/mas autores/as dos textos filosóficos, para através dos conceitos ali presentes, aprofundarmos as reflexões em nossas pesquisas: fortalecermos o entendimento das complexas relações que causam as situações que as pessoas com as quais pesquisamos vivem e sobre as quais constroem suas existências; buscarmos argumentos para defendermos a validade dos conhecimentos desses grupos sociais diante do mundo acadêmico; alargarmos os horizontes de nossos questionamentos sobre os inéditos-viáveis (FREIRE, 2011) que se mostrem como possibilidades de colaboração nossa diante dessas realidades.

Por fim, como amantes da sabedoria, buscarmos no estudo filosófico inspirações para mantermos vivo o esperar na vida das pessoas, contribuindo para que o filosofar seja cada vez mais indígena, mais africano, mais feminino, mais ecológico e mais solidário.

Para encerrar este ensaio, aproveitando que estamos superando alguns preconceitos e mudando paradigmas, trago a tradução para a língua portuguesa da letra de uma música, de um rapper indígena, dentre muitos/as que existem, Owerá ou Kunumi MC, nomes artísticos de Werá Jeguaka Mirim, do povo Guarani, da aldeia Krukutu, intitulado “Xondaro Ka'aguy Reguá/ Guerreiros da Floresta”, dedicando essa música (que vale a pena ser ouvida e apreciada na língua original Guarani, disponível nas diversas plataformas de músicas e vídeos) aos/às estudantes indígenas da UFSCar, que além de suas lutas diárias, se dispõem generosamente a pesquisarem comigo e me ensinarem muito de seus conhecimentos e dos conhecimentos de seus povos, em nossa pesquisa de doutorado em educação. *Awêry!*

*Existe uma lenda Guarani muito antiga,
contada pelos ancestrais.
Ela diz que das águas nascerá um guerreiro que
levará o seu povo a uma nova existência.*

*Antigamente na floresta havia
muitas frutas para comer
Muitas frutas para comer...
Mas os brancos vieram e destruíram
tudo o que Deus criou
Tudo o que Deus criou...*

*Nós Guaranis sempre existimos,
há mais de 519 anos resistimos
Nativos e originários dessa terra Brasil,
Desde mil e quinhentos
Vivemos em guerra
Nosso povo foi oprimido e dizimado
Por não aceitarmos ser escravizados.*

*Desprezaram nossa ciência e tecnologia,
conhecimento milenar da floresta
E agora vemos na TV
alertas de aquecimento da terra
Extinção em massa e continuam destruindo
nossos rios e nossas matas*

*E pra você eu que estou errado
por não usar internet
e não andar pelado, isolado...
Pensamento colonial retrógrado e limitado,
pois para mim ser indígena
é me sentir e ser livre,
transito pela arte e preservo minha cultura
Na minha aldeia existe resistência
eu rimo na minha própria língua
denunciando e lutando pela demarcação*

*Invadiram as nossas terras...
as florestas para nós indígenas
sempre foram sagradas
e tudo isso foi Deus que criou,
os portugueses vieram
e mataram muitos animais,
os pássaros morreram
Não respeitam a nossa cultura,
destruíram as nossas florestas
e o medo continua instaurado (OWERÁ, 2020, n.p.).*

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução Arnaldo do Espírito Santo; João Beato; Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. **Política**. Tradução Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

BANIWA, G. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Volume II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BINGEN, H. **SCVIAS, Conhece os caminhos do Senhor**. Tradução Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

- BRAZ, W. A. **Tehey de pescaria de conhecimento**. 2019. 37p. Percurso Acadêmico (Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores indígenas, habilitação em Ciências da Vida e da Natureza) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- CARVALHO, M. S. **Falsafa**: breve introdução à filosofia arábico-islâmica à filosofia arábico-islâmica. Coimbra: Instituto de Estudos Filosóficos - Unidade de I&D - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2020.
- CASTIANO, J. P. **Filosofia africana**: da sagacidade à intersubjetivação. Maputo: Educar, 2015.
- CONFÚCIO, **Os Analectos**. Tradução D. C. Lau; Caroline Chang. Porto Alegre: L&PM Editores, 2006.
- COSTA, M. R. N.; COSTA, R. F. Escrita e gênero na pensadora medieval Cristina de Pisano. **Revista Ágora Filosófica**, v. 21, n. 2, p. 05-27, 2021.
- DESCARTES, R. **Meditações**. Coleção Os pensadores, vol. XV. Tradução J. Guinsburg; Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- DUSSEL, E. **Ética da libertação**. Na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DUSSEL, E. **Filosofia da libertação**: crítica à ideologia da exclusão. São Paulo: Paulus, 1995.
- DUSSEL, E. **1492**. O encobrimento do outro. A origem do “mito” da Modernidade. Conferências de Frankfurt. Tradução Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.
- DZIELSKA, M. **Hipatia de Alejandria**. Tradução José Luis López Muñoz. Madrid: Ediciones Siruela, 2004.
- ECO, U. **O nome da rosa**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini; Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: O Globo/São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- FIORI, E. M. Prefácio. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 7-22.
- FOOT, P. **Virtues and vices and other essays in moral philosophy**. Los Angeles: University of California Press, 1978.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da indignação, cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GOUGES, O. **Declaração dos direitos da mulher e da Cidadã e outros textos**. Tradução Cristian Brayner. Brasília: Câmara dos Deputados. Secretaria de Relações Internacionais, 2021.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 7. ed. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- HEIDEGGER, M. Que é metafísica? In: HEIDEGGER, M. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2005. p. 65-73.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Coleção Os Pensadores. Tradução Valério Rohden; Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomani. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.

Marcos José de Aquino Pereira

KRENAK, A. Entrevista a Jailson de Souza e Silva. *In*: SILVA, J. S. A potência do sujeito coletivo: parte II. **Revista Periferias**, maio 2018. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução Juliana Watson; Tatiana Nascimento. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./dez. 2014.

MAMANI, F. H. **Buen vivir/Vivir bien**. Filosofia, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas. Lima: CAOÍ, 2010.

MANDOKI, K. **El indispensable exceso de la estética**. Ciudad de México: Siglo XXI Editora, 2013.

MARX, K. **Crítica da filosofia do direito de Hegel: 1843**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATTOS, T. M. N.; GAMA, U. A. A. Bases da cultura hindu: As escolas filosóficas e sua contribuição para espiritualidade mundial. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 16, n. 3, p. 43-72, mar. 2021.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 35-54.

MOHANTY, C. T. **Sob olhos ocidentais**. Tradução Ana Bernstein. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.

OLIVEIRA, L. M. **Marguerite Porete e as Beguinhas: a importante participação das mulheres nos movimentos espirituais e políticos da Idade Média**. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

OLIVEIRA, S. L.; ROSSI, A. H. A tradução dos huehuehtlahtolli em malinche: recriando a oralidade náhuatl. **Revista Língua e Literatura**, v. 20, n. 36, p. 119-131, 2018.

ORUKA, O. **Sage philosophy: indigenous thinkers and modern debate on african philosophy**. Nairobi: E. J. Brill, 1990.

OWERÁ. **Xondaro Ka'aguy Reguá/ Guerreiros da Floresta**. 29 maio 2020. 1 vídeo (3 min. e 9 seg.). Publicado pelo canal OWERÁ. Disponível em: <https://youtu.be/cT7ZXxAMetY>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PACHAMAMA, A. R. Mbaima Metlon: Narrativas de mulheres indígenas em situação urbana. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, v. 8, n. 2, p. 134-150, 2019.

PATAXOOP, L. **Minha escrita é o tehêy, resistência e memória da nossa história**. [Entrevista concedida à] Maria Lígia Pagenotto. Rede Galápagos, 2022. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/noticias/minha-escrita-e-o-tehey-resistencia-e-memoria-da-nossa-historia/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

PLATÃO. **Teeteto**. 3. ed. Tradução Adriana Manuela Nogueira; Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. Coimbra: Almedina/ CES, 2009. p. 73-117.

RAMOSE, M. B. **African philosophy through ubuntu**. Harare: Mond Books, 1999.

RAO, S. N. **Agasthya**. Telangana: Litent, 2014.

ROLLA, G. Seria possível não fazer filosofia? **Estadão**, 27 maio 2021. Estado da arte. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/giovanni-rolla-introducao-filosofia/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 23-71.

SARTRE, J. P. **Verdade e existência**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

SILVA, O. A. R. S. Lesbos: a experiência filosófica na poesia. *In*: PACHECO, J. (org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre: Editora Fi, 2016. p. 12-27. (e-book).

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

STEIN, E. **Obras Completas, III**: Escritos Filosóficos - Etapa de pensamento cristiano: 1921-1936. Tradução Alberto Pérez; José Mardomingo; Constantino Ruiz Garrido. Vitoria: El Carmen; Madrid: Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2007. (v. 3).

WALSH, C. Lo pedagógico y lo decolonial: entretejiendo caminos. *In*: WALSH, C. (ed.). **Pedagogías Decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2017. p. 23-68. (Serie Pensamiento Decolonial).

WEHRLI, F. (ed.). **Die Shule des Aristoteles**. Aristoxenos. 2. ed. Basel: Schwabe, 1967. (v. 2).

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos das mulheres**. Tradução e notas Andreia Reis do Carmo. São Paulo: Edipro/Boitempo, 2015.

XENOFONTE. **Apologia de Sócrates**: ditos e feitos memoráveis de Sócrates. Coleção Os Pensadores. Tradução Líbero Rangel. São Paulo: Abril, 1972.

Recebido em: 29 jul. 2022.

Aprovado em: 05 set. 2022.